

# O PERISCOPIO

ORGAM DA MONARCHIA CHINEZA

REDACTOR: Tiang-Fung-Lung.

COLLABORADORES: Diversos Mandarins de rajchê.

ANNO I

Passo Fundo, 1.º de Janeiro de 1918.

NUM. 18

1918

## 1.º DE JANEIRO

Confraternisação dos povos. O anno  
Surge entre galas, musicas, fulgores.  
Cada qual traça á vida novos planos,  
Brilham nos corações novos ardores.

Paz entre os homens! no litigio insano  
Da vida abracem-se os competidores!  
E o auri-verde pendio republicano  
Passa, entre acclamações, envolto em flores.

Nesta data gentil, que symbolisa  
A paz e o anno, — os meus óculos suprimos,  
Fico-me em casa, em mangas de camisa.

Querida, esquece os 'pegas' que tivemos  
E hoje que o mundo em paz confraternisa,  
Num longo beijo confraternisemos...

D. NIQUOTE

Primeiro de Janeiro de 1918.  
E' mais um ano que chega,  
e mais um ano que passa; e  
mais um velho que morre e  
uma creança que nasce.

E' mais uma folha secca que  
se desprende da intensa arvore  
do tempo; e mais um rebento  
novo e verdejante que aparece  
no caule nodoso dos seculos.

Mais um ano passou e com  
de, quantas illusões demolidas  
silenciosamente no intimo de  
nossas almas, seirá que uma  
ruga a mais sulcasse a nossa  
face!

Mais um anno que chega,  
e com elle, quantas esperanças  
novas e quantas illusões flori-  
das não brotam timidamente  
em nosso peito sob os escum-  
bros do passado!

E a vida é assim, e tristes  
de nós se assim não fora.

Recebemos 1917 entre fes-  
tas, flores e «champagne» e  
1917 foi a miséria, a fome, o  
luto, a guerra; 1917 inundou  
o mundo que o recebeu sorrin-  
do, de viúvas, de orfãos, lagri-  
mas, suspiros; vestiu-o de pre-  
to e verteu-lhe na alma o de-  
sespero e o odio.

Hoje a humanidade inteira,  
como as virgens, veste-se de  
branco, cobre-se de rosas, lim-  
pa dos olhos as lagrimas de  
dor e sorri com um sorriso pie-  
doso de esperança; e um anno  
novo que chega.

E a esperança, imortal como  
Deus, verte em cada peito, pro-  
fusamente, como outrora no  
contacto da várta magica de  
Moysés, a agua jorrava em ca-  
tadupas nos desertos arecos da  
Asia legendaria.

Ha mesmo espiritos bondó-  
sos, insperantes que chegam  
a falar, no dia de hoje, na su-  
blime utópia da confraternisa-  
ção dos povos.

E entretanto 1918 nasce com  
a espada em punho; ha nos  
seus olhos infantis todo o san-  
guinario furor que animou seu  
pae, e seus cabelos loiros de  
creança tem o igneo fulgor dos  
campos de batalha.

Nada espere d'elle.

D'Alamira.

ANNO BOM

Febri! olhos corascentes, de  
longas barbas brancas esparsas  
ao vento, um vulto todo ves-  
tido de negro e trazendo na  
mão uma comprida espada flam-  
mejante da qual cahiam gotas  
de sangue quente, vociferava  
como um doído.

Ao lado do velho furibundo  
um candido menino de olhos  
ternamente azues e calmos  
sorria ingenuamente e todo  
vestido de innocencia, pergun-  
tava:

—Porque esbravejas meu  
velho?

—Não esbravejo. Eu sinto  
apenas a repugnancia do san-  
gue, e as minhas fibras em der-  
rocada sentindo o contacto da  
morte negra e fria se revoltam  
no ultimo momento da agonia.  
Sabes quem sou?... Eu sou o  
anno de 1917. Ja fui novo e  
loiro como tu e tambem já fui  
innocente. Porem meu pae que  
havia aprendido a *cajar* com  
os seus ascendentes, ensinou-  
me a matar... Certamente tu  
és o meu substituto. E' o  
anno de 1918. A humanidade

espera-te com alegria alvorota-  
da e hoje ao soar a Meia Noite  
as robas saltarão das garra-  
fas e então Baceho presidirá a  
festa e a loucura do Uni-  
verso... Hoje todos sorriem na  
minha morte como sorriam  
quando eu nasci, mas deixae  
os loucos que sorriam porque em  
breve terão os olhos cheios de  
lagrimas... Mas ai! de quem  
julgar que tu por seres sauda-  
do com o tinir das taças serás  
melhor do que os teus paes!...  
A Felicidade não existe, nunca  
existiu, e os mais infelizes são  
sempre os que buscam a Feli-  
cidade... Já está chegando a  
hora... Toma esta espada meu  
filho e extermina com ella os  
povos azues, amarelos e brancos...  
Só e bom quem é forte e mau...  
Christo porque era justo foi  
crucificado vivo entre os la-  
dres mas Cesar foi o melhor  
dos reis... Começa a tua obra...

Neste momento o relógio fan-  
hoso bate pausadamente doze  
pauçadas que como doze pu-  
baladas me traspassaram o  
coração... O cambio do padre  
dá um estrodo formidavel, as  
machinas apitam em todos os  
cantos da cidade e os *Sarrisi-  
nos* cantam a Marselheza...  
Ao longe, muito ao longe, um  
cachorro nephelibata e triste,  
todo mettido a poeta, contem-  
plando a lua, uiva sentidamen-  
te...

João Manio

## A MISSA DO GALO

Eu fui a missa; fui mais por eu-  
rosidade que por outro motivo  
qualquer.

A nossa igreja que em épocas  
normas dá a idéa nítida de um  
olho fechado, um grande olho dor-  
mente, descreria as palpebras pe-  
zadas deixando escapar uma luz  
amarela de lampadas eléctricas, que  
se ia perdendo lá fora no mysterio  
luz sem macula do luar.

Na porta do templo o Findaro  
oferecia rosinhas d'aras e me-